

MEMÓRIAS DE LUXO

É um luxo, claro. É a palavra certa para descrever este livro. Luxo de memórias, luxo de imagens, luxo de jornalismo. Luxo de ler, de ver e de rever. De recordar, pois. De mostrar e de ensinar. De comparar, de nos descobrir. E — como não? — de uma enorme melancolia. E desilusão



O golpe começou cedo e, pouco depois das oito, a fragata comandada por Seixas Louçã toma posição no Tejo, frente ao Terreiro do Paço, para intimidar os homens de Salgueiro Maia (em cima), que se posicionam na esquina da praça (à dir., em cima). É aqui que o cabo condutor João Silva, já falecido, nos olha do alto da sua Panhard (à dir., ao meio). No dia seguinte, vitorioso o golpe, os fuzileiros ocupam a sede da PIDE (à dir., em baixo)



Texto **Luís Melreles**



É quase um ovo de Colombo, mas as grandes reportagens fazem-se assim, e delas fazem-se grandes livros. “Os Rapazes dos Tanques” (Porto Editora)? Sim, aqueles 200 homens que se sumiram nas suas vidas, mas a quem a História (ou os deuses, diria Adelino Gomes) escolheu para mudar a vida de milhões de outros. “Os cavaleiros que em 1974 derrubaram a ditadura”, como dizem os autores, numa alusão/evocação à arma (Cavalaria) a que pertenciam os desconhecidos soldados, cabos, furriéis, alguns oficiais, que naquele dia cumpriram (ou não cumpriram) a ordem do seu comandante enfiados dentro dos tanques — ups! dos carros de combate — que avançaram pelo Terreiro do Paço e... derrubaram o regime num golpe que se tornou uma revolução. Tinham 20, 22, 23 anos, tornaram-se operários, agricultores, empresários, gestores, professores, doutores, qualquer coisa e, hoje, reformados.

No tal “dia inicial, inteiro e limpo”, estavam de ambos os lados, a favor e contra, mas no fim ficaram todos juntos. Eles, mais o povo que também invade este livro. Quarenta anos depois, os “rapazes” (ou alguns deles) falam — coisa rara esta de trazer do anonimato aqueles que “nunca ou em raras ocasiões têm voz”. Os autores advertem: nem sempre o que recordam é igual ao que presenciámos. Este não é um livro de História, nem tão pouco o grande livro da revolução de abril. É um livro restrito, feito de “fragmentos guardados da memória de quem a ajudou a arrancar no terreno”. E já lá iremos.

Porque esta é também a história de dois homens, os autores deste livro, o fotógrafo e o jornalista, que perseguem incansavelmente a reportagem das suas vidas, quase como uma assombração. O das palavras di-lo sem reboço: “Fui um dos poucos a quem os deuses concederam a bênção daquele trabalho”. Foi o dia, diz ele, “em que nunca antes como depois”, pôde relatar “as imagens que tinha para descrever, os sons que tinha para captar, as respostas às perguntas que (...) correspondiam por inteiro àquilo que desejava poder





descrever, ouvir e comunicar". É Adelino Gomes, a voz por excelência que acompanha a memória do 25 de Abril.

O homem das imagens só pode ser Alfredo Cunha, ao tempo um estagiário que disparou naquele dia muito mais fotos do que os soldados balas. Elas falam por si. Não sei se há palavras, ou se costuma havê-las, para descrever fotos assim — imensas, belas, que nos interpelam e olham a direito nos olhos, que libertam e evocam. Há um mundo nestas imagens, e não só de gente, diga-se.

Onde estão os outros protagonistas deste livro, o povo que aderiu e que lá está retratado? Em que se tornou o menino que, ajoelhado junto ao soldado, deitado de arma em riste (e que agora tem nome, José Amílcar Coelho), lhe pergunta curioso qualquer coisa? Sabemos agora a resposta: "É uma arma que dispara balas verdadeiras". Ou que é feito daquele homem que espreita por cima do ombro do soldado que fuma? De quem são as dezenas de mãos que agarram o tapume que então ladeava a António Maria Cardoso, a rua da PIDE? Quem são os jovens que se escondem das balas por baixo de um banco no Largo do Carmo? Quem é que subiu à árvore para ver o que cá de baixo não se via? Quem é

Ainda nada é dado como certo, o regime não se rendeu, mas o povo, que ocorreu em massa à rua, já está na expectativa

quem? Onde está o Wally, apetece perguntar.

Adelino e Alfredo elegeram um herói, que não se assume: José Alves Costa, o atirador-apontador, que dentro de uma M47 (veículo blindado), com uma pistola apontada à cabeça pelo "seu" brigadeiro, que lhe ordena "dar fogo" contra a coluna de Salgueiro Maia, escolhe não o fazer. Enfia-se dentro do carro e fecha a porta, que assim o seu superior "podia marrar lá com a cabeça que não me encontrava!".

Salgueiro Maia disse um dia que foi ali que se ganhou o 25 de Abril. Sabemos a história, a coluna do capitão de Santarém encontrou outra a favor do regime, mas por causa do cabo Costa, ou de outros como ele, do furriel Clemente, ou dos alferes David e Silva ou Fernando Sottomayor, que de pontos de vista opostos a neutralizaram. Eles contam. E José Costa contraria afinal o mito, é um anti-herói, um camponês astucioso que em vez de recusar a ordem, foge dela. Um homem, um jovem aldeão de 23 anos e dois de tropa,

que teve medo, mas não queria atirar sobre os seus companheiros e sem o "seu" alferes.

Estão lá todos, ou alguns dos que sobreviveram, um fresco de gente, como escreve Adelino, a quem a vida não sorriu por igual. O soldado que nos fixa em cima da Panhard no Terreiro do Paço já morreu. Maia — "aquele que tinha um foco que iluminava quem estava à volta dele", como diz um deles — também. "Só Maia teria a capacidade de juntar uma data de mabecos", diz outro. Aguarda ainda uma inexplicável unanimidade dos partidos para que os seus restos repousem no Panteão.

A História são os indivíduos que a fazem e ela aconteceu naquele dia e local, com Salgueiro Maia e os homens que o seguiram, ali se diz. Está pois lá retratado o que reclama que "os cravos eram brancos" e não vermelhos, tal como o que levou um par de chapadas do brigadeiro Junqueira Reis por estar com os revoltosos, ou o "ovelha-ronhosa" que derrubou o regime que a sua família (do ex-Presidente Óscar Carmona) ajudou a fundar, o que "mil anos que viva não esquecerá o povo a apoiá-los", e até aquele que foi "mais sensato" do que Salgueiro Maia, ao não cumprir a ordem de abrir fogo sobre o quartel do Carmo, já em outro momento do dia: "As munições que levávamos eram explosivas". Se deflagrassem, iam provocar um banho de sangue, no interior e no exterior do quartel, onde estavam milhares de pessoas.

Mas estão também os do "outro lado", o da "revolução esquisita", o que "andou ao deus-dará", o "que não gosta de nenhum", aquele a quem custou trair o seu comandante. Acabaram todos do mesmo lado. De tal modo que todos sentem quase o mesmo: frustração por tudo aquilo que veio depois, "quando tudo o resto se desmoronou, quando cada um tomou as opções que entendeu".

Unem-se quase todos no "melhor" e no "pior" do 25 de Abril. Não poupam as palavras para os políticos de hoje: canalha, cambada, gangues, oportunistas, "os mais ordinários da Europa". E há quem, certo, diga que o pior de hoje "é o hoje e o amanhã". Ou "o pior é isto estar cada vez pior". Do melhor, reclamam em uníssono: a liberdade. É a palavra-comum, o santo e a senha.

"O mundo só será melhor se quisermos que o mundo o seja. Para isso, as pessoas têm de se envolver. Para haver 25 de Abril, tivemos de sair do quartel". Pois. Palavras do hoje doutor-filósofo José Amílcar Coelho, ex-operário que estudou à noite e então jovem cadete de 21 anos da Escola Prática de Cavalaria, a tirar a especialidade de atirador. **A**

lmeireles@expresso.imprensa.pt

Adelino e Alfredo elegeram um herói que não se assume: José Alves Costa, o atirador-apontador que dentro de uma M47 (veículo blindado), com uma pistola apontada à cabeça pelo "seu" brigadeiro, que lhe ordena "dar fogo" contra a coluna de Salgueiro Maia, escolhe não o fazer